

## APRESENTAÇÃO

O tema proposto para este número de Matraga, “Estudos literários – possibilidades e impasses”, foi sabiamente deixado de lado pelos colaboradores aqui reunidos. Isto é, em lugar da produção de panoramas sombrios, diagnósticos terminais ou, nos casos mais extremos, a pura e simples escrita de obituários em série, os colaboradores preferiram responder à convocação de forma sutil, oferecendo estudos de caso, como se comentassem ironicamente a seriedade implícita nos termos “possibilidades e impasses”.

Aceitemos de bom grado a correção de rumos; afinal, os artigos deste número apresentam uma variedade de interesses e uma pluralidade de abordagens que, por si só, articulam uma alternativa à própria ideia de *crise* – palavra-valise de certos teóricos e críticos hoje em dia.

Esses profissionais da melancolia chique insistem em afirmar que a literatura contemporânea é a imagem acabada da precariedade, e a crítica, essa já nem se diga, naturalmente não mais existe. Ora, talvez sem sabê-lo, eles revivem a imagem oitocentista, hoje sem dúvida caricata, do antropólogo de gabinete, sempre às voltas com narrativas abrangentes da “evolução” humana, coligindo um número impressionante de dados em seus textos.

Há, contudo, uma anedota reveladora sobre o método dos *armchair anthropologists*. Um dos mais célebres, James George Frazer, foi inquirido acerca de seu contato com os povos “primitivos” – não se esqueça, estamos no século XIX –, tema dos inúmeros livros que publicou, destacando-se o monumental *The Golden Bough* (1890). Surpreso com a impertinência do interlocutor, Sir Frazer não hesitou: “Graças a Deus, nunca estive com eles!”. Modelo paradigmático do antropólogo de gabinete vitoriano, ele trabalhava a partir de questionários preenchidos por missionários e viajantes. Isso mesmo: viajantes e missionários “aplicavam” as perguntas preparadas pelo antropólogo e, depois de obter o maior número possível de respostas dos grupos “primitivos”, remetiam o material a Sir Frazer – matéria-prima de seus futuros escritos.

Em alguma medida, os teóricos e críticos que apenas veem no presente a imagem (melancólica) da (própria) juventude, irremediavelmente perdida,

reproduzem o gesto do antropólogo vitoriano. Mas não se negligencie uma diferença significativa: pelo menos, James Frazer lia atentamente os questionários que recebia... Leitura de segunda mão, é bem verdade, mas, ainda assim, leitura cuidadosa.

Ao contrário, os colaboradores deste número se distinguem pelo rigor com que lidam com seus objetos de estudo, associando abordagem teórica e empenho analítico com rara felicidade.

Hora, portanto, de encerrar esta brevíssima apresentação.

Boa leitura.

João Cezar de Castro Rocha

Marcus Vinicius Nogueira Soares